



Formação continuada docente: a perspectiva de caminhante e a (in)completude do ser

*Valderesa Moro**

*Hildegard Susana Jung***

Resumo: Este artigo objetiva investigar de que forma a proposta de educação continuada de uma escola de Educação Básica privada franciscana, localizada no Sul do Brasil, contribui na construção de si e da prática pedagógica de seus docentes. A metodologia é de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, com escolha intencional dos participantes (professores, coordenadoras pedagógicas e alunos). Optou-se pela análise textual, cujo processo de auto-organização deu-se a partir da desordem em direção a uma nova ordem, passando pela emergência do novo para, finalmente, auto organizar-se de forma intuitiva. Os resultados apontam possíveis caminhos para o projeto formativo e confirmam que a participação dos professores na educação continuada ofertada pela escola contribui para a mudança no ser pessoa, incentivando-os a empreenderem inovações na prática pedagógica. Além disso, produziram aprendizagens significativas sobre a sua prática pedagógica e concepções de educação continuada, seus entendimentos no processo de autoformação (subjetividade) de si como seres em devir. Evidenciou-se que o despertar para a necessidade da educação continuada como contribuição para a autoformação do ser pessoa profissional é algo inerente ao ser humano na busca pela sua inteireza.

* Doutoranda em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE). E-mail: mvalderesa@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0486014775918350>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6214-7169>.

** Doutora em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE). Professora e Pesquisadora do PPGE na Universidade La Salle (UNILASALLE). E-mail: hildegard.jung@unilasalle.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6822877165900478>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5871-3060>.

Palavras-chave: Formação Continuada; Construção Pessoal e Profissional; Subjetividade

Continuing teacher education: The walker perspective and the (in)completeness of being

Abstract: This article aims to investigate how the continuing education proposal of a Franciscan private Basic Education school, located in southern Brazil, contributes to the construction of itself and the pedagogical practice of its teachers. The methodology uses a qualitative approach, of the case study type. For data collection, a semi-structured interview was used, with the intentional choice of the participants (teachers, pedagogical coordinators and students). We opted for textual analysis, whose self-organization process started from disorder towards a new order, passing through the emergence of the new and, finally, self-organizing in an intuitive way. The results indicate possible paths for the training project and confirm that the participation of teachers in the continuing education offered by the school contributes to the change in being a person, encouraging them to undertake innovations in pedagogical practice. In addition, they produced significant learning about their pedagogical practice and conceptions of continuing education, their understandings in the process of self-training (subjectivity) of themselves as beings in becoming. It was evident that the awakening to the need for continuing education as a contribution to the self-training of being a professional person is something inherent to human beings in the search for their wholeness.

Keywords: Continuing Education; Personal and Professional Construction; Subjectivity

Formación continua docente: La perspectiva de caminante y la (in)completitud del ser

Resumen: Este artículo tiene como objetivo investigar cómo la propuesta de educación continua de una escuela privada franciscana de Educación Básica, ubicada en el sur de Brasil, contribuye a la construcción de sí mismo y la práctica pedagógica de sus docentes. La metodología utiliza un enfoque cualitativo, del tipo de estudio de caso. Para la recolección de datos se utilizó una entrevista

semiestructurada, con la elección intencional de los participantes (docentes, coordinadores pedagógicos y estudiantes). Se optó por el análisis textual, cuyo proceso de autoorganización partió del desorden hacia un nuevo orden, pasando por la emergencia de lo nuevo y, finalmente, autoorganizándose de manera intuitiva. Los resultados señalan posibles caminos para el proyecto formativo y confirman que la participación de los docentes en la formación continua que ofrece la escuela contribuye al cambio en el ser persona, animándolos a emprender innovaciones en la práctica pedagógica. Además, produjeron aprendizajes significativos sobre su práctica pedagógica y concepciones de educación continua, sus entendimientos en el proceso de autoformación (subjetividad) de sí mismos como seres en devenir. Se evidenció que el despertar a la necesidad de la educación continua como aporte a la autoformación del ser profesional es algo inherente al ser humano en la búsqueda de su integridad.

Palabras-clave: Educación Continua; Construcción Personal y Profesional; Subjetividad

Considerações iniciais

Diante do cenário globalizado, o mercado estabelece uma relação que rege a conduta das pessoas e os interesses dos grupos que detêm o capital, determinando quem deve vencer nessa sociedade que, a um só tempo integra e exclui. Nesse contexto, a proposta de uma sociedade aprendente coloca, de forma demasiadamente forte, o equilíbrio entre educação e empregabilidade como via de superação das exclusões. Porém, há que se considerar o risco do predomínio da lógica de mercado que continua excluindo muitas populações pobres. Para tanto, torna-se necessário refletir sobre a relação entre sociedade e organização educativa entendendo-se que “a organização educativa é determinada pelas orientações da sociedade” (BERTRAND, VALOIS, 2004, p. 14). Contudo, as relações entre elas têm um duplo sentido. A primeira pode contribuir para a modificação das orientações da segunda. A escola “possui certa autonomia e pode intervir nas orientações fixadas pela sociedade, quer aceitando-as,

adaptando-as ou contestando-as” (ibidem p. 14). Nesse processo, é necessário revisar o papel do professor¹, da escola e da educação, “para trabalhar pedagogicamente o descompasso dos seres humanos em relação às oportunidades contidas nas obras de suas próprias mãos” (ibidem p. 21). Merino (2000), ao salientar os avanços na ciência, na técnica nos meios de comunicação da sociedade contemporânea afirma que nem sempre o progresso material fez-se acompanhar pelo progresso espiritual e humanizante

Dessa forma justifica-se, a necessidade da educação continuada do professor, base tanto para transformar a experiência de si (subjetividade), quanto para subsidiar o processo de melhoria da qualidade da ação pedagógica. Essa base viabiliza ao professor, à escola e, conseqüentemente, à própria sociedade, a minimização dos fracassos educacionais que tanto angustiam, encorajando para alternativas incentivadoras de políticas educativas mais conscientes, consistentes e humanizadoras.

Entende-se que, por meio da educação continuada, o suporte metodológico e a construção de conhecimento capacitam o professor para administrar os desafios provocados pela sociedade do conhecimento num mundo globalizado. A educação continuada oferece espaço ao docente para debruçar-se sobre ela e refletir sobre seu próprio pensar, fazer, sentir, significar e ser, despertando a ampliação de sua consciência para estabelecer mudança de relações que correspondam à missão e à visão da escola que se pretende construir.

Cabe, conseqüentemente, aos sistemas educacionais e à escola, o papel de fomentar o desafio da atualização permanente, ao oportunizar espaços de educação continuada ao professor, no intuito de desenvolver uma ação pedagógica que o capacite para o exercício consciente da cidadania e para a competente responsabilidade no investimento em sua própria formação, entendida como toda e qualquer atividade no processo da

¹ Neste trabalho são utilizados, como sinônimos, os termos professor e docente, e aluno e estudante. Entende-se que ambos, enquanto ensinante e aprendente, respectivamente, complementam-se num movimento mútuo e, por vezes, recíproco de ensinar e de aprender (FREIRE, 2000).

construção de si. Na compreensão de Josso (2004), a formação de si é um processo que implica formação da pessoa inteira, compreendendo as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais.

A necessidade de falar em ampliação da consciência e exercício consciente de cidadania remete à definição de consciência assumida em Josso como “a presença atenta a si próprio, aos outros e ao seu ambiente, ligada aos graus de sensibilidade de cada pessoa no que se refere aos seus sentidos” (JOSSO, 2004, p. 50). Além disso, está a capacidade de estabelecer relações pautadas por uma ética planetária, cujos fundamentos se reportem a valores como respeito, solidariedade, compromisso e cuidado com qualquer forma de vida, como também a constituição da própria subjetividade.

Dito isso, a presente pesquisa objetiva investigar de que forma a proposta de educação continuada de uma escola de Educação Básica privada franciscana, localizada no Sul do Brasil, contribui na construção de si e da prática pedagógica de seus docentes. A metodologia é de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada², com escolha intencional dos participantes (dez professores, cinco coordenadoras pedagógicas e oito alunos). Optou-se pela análise textual, cujo processo de auto-organização deu-se a partir da desordem em direção a uma nova ordem, passando pela emergência do novo para, finalmente, auto-organizar-se de forma intuitiva.

A escola franciscana³, localizada em um município de porte médio do Sul de Brasil, é da rede privada, e atende a 1.200 estudantes da Educação

² As entrevistas foram realizadas de forma presencial, antes da pandemia da Covid-19 de 2020 e 2021. Todos os participantes (ou responsáveis) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

³ A rede franciscana de educação tem sua origem em 1835 na Holanda quando a fundação da primeira escola criada por Madre Madalena Damen, fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. As Franciscanas chegaram ao Brasil em 1872 quando fundaram a Escola São José em São Leopoldo, RS. Em 1903, criaram a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis, mantenedora civil das escolas da Rede Franciscana de educação. Em 1951 quando a Província brasileira foi desmembrada foi fundada a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte.

Básica, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Conta com 83 docentes, cinco coordenadores pedagógicos e 60 funcionários técnico administrativos. O processo de formação continuada docente analisado nesta pesquisa tem como característica a participação de dois professores da Educação Infantil, dois do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, e três dos Anos Finais, três do Ensino Médio e quatro coordenadoras pedagógicas. Os encontros são de 4 horas mensais. Os temas são desenvolvidos em forma de seminário com leituras prévias de cunho metodológico considerando o aprofundamento de saberes docentes de cada nível e área de ensino, bem como o aprofundamento da filosofia franciscana que embasa a proposta pedagógico-metodológica da escola em estudo.

A (in)completude do ser

O dinamismo pela completude que move o ser humano na direção da ampliação da consciência de si e do mundo, encontra sentido em Merino (1999), quando refere que esse estado de peregrino faz a pessoa sentir-se em tensão por superar-se incessantemente, pois nunca se acha acabada. O ser humano, portanto, “é um peregrino que confraterniza com tudo o que o acompanha em sua viagem existencial, mas, ao mesmo tempo, está em atitude de despedida de dependências e de freios que aparecem em seu itinerário”. (MERINO, 1999, p.116). No sentido da impermanência de tudo, Tolle (2007), ao falar do “processo de descoberta do espaço interior”, (TOLLE, 2007, p. 195) considera que o ser humano será totalmente livre e iluminado quando fizer o caminho da não-resistência, do não-julgamento e do desapego. Consciente da transitoriedade das situações em que vive, o ser humano terá mais facilidade em aceitar a impermanência como algo positivo, nessa caminhada de ser itinerante no processo formativo e de constituir-se humano. Segundo Nanni (2000), vivemos o tempo de uma

“nova paidéia” (NANNI, 2000)⁴ e a sociedade, os organismos nacionais e internacionais, os especialistas em políticas educacionais deverão estar atentos a esse mundo em mudança que exige uma nova postura do ser humano educador. Para o autor, a resposta a esse mundo em mudança não deverá restringir-se a “uma paidéia que responda simplesmente sobre conteúdos culturais, com modelos antropológicos, psicopedagógicos com esquemas elaborados no século passado”. (NANNI, 2000, p. 8, tradução nossa⁵).

Na visão de Nanni, “estamos frente a uma mudança de época, a uma mudança de paradigma, que requerem um pensamento ecológico, em rede, sistêmico, plural” (NANNI, 2000, p. 8, tradução nossa⁶). Isso nos remete ao estado de itinerância que constitui o ser humano, coloca-o em situação de busca e tudo será reduzido a simples adestramento e não haverá mudança no coração das pessoas, pois a nossa sociedade precisa de um ser humano que tenha a capacidade de comprometer-se com o destino comum da humanidade, que saiba ver no outro um companheiro de viagem, portanto um itinerante.

Ao referir as falas dos participantes da investigação é natural o encantamento pela trajetória possível na construção do ser inteiro, daqueles que fazem o caminho da reflexão na ação, professores, coordenadores e alunos, e, ao mesmo tempo, defrontar-se com a construção da própria trajetória de vida que gera consciência como pessoa em permanente construção. Descobrir-se peregrino no processo de construir-se pessoa humana ao longo da vida, tomar consciência do cenário das implicações/contribuições do projeto de educação continuada na ação

⁴ Nova Paideia é uma síntese dos valores culturais e espirituais, um patrimônio da civilização que foi herdado e que hoje as gerações se empenham em traduzir e transmitir às gerações atuais para ajudá-las a crescer em humanidade.

⁵ “una paideia che riproponga, vuoi sul piano dei contenuti culturali, vuoi su quello dei modelli antropologici e psicopedagogici, gli stessi schemiche sono stati elaborati nei secoli passati.

⁶ “Siamo veramente di fronte ad un passaggio d’epoca, ad un cambio di paradigma che richiedono [...] un pensiero ecologico, reticolare, sistemico, plurale”.

pedagógica dos professores num compromisso pessoal individual, porém com implicações coletivas, foi algo extremamente vital nesta investigação.

A fascinante viagem pelas experiências de vida e de formação durante a pesquisa, o encantamento frente ao desvelamento dos docentes que aceitaram o desafio de falar de si e do seu trabalho, foi uma experiência singular. A disponibilidade das coordenadoras, descrevendo seu papel de liderança frente aos professores, o compromisso com a mudança das pessoas pela educação e, ainda, a consciência da mudança de si próprias na missão de liderar docentes no processo de formação e ação, constituiu-se tarefa extremamente prazerosa, considerando o visível crescimento do grupo envolvido no processo formativo. A simplicidade, a objetividade, a pureza dos depoimentos, a convicção de sentir-se parte da construção do processo educativo foi algo singular e encantador, em especial nas falas dos alunos, remetendo-os ao belo que constitui o ser humano.

Na perspectiva de esperança, da utopia do não lugar, mas do possível, do realizável, os participantes demonstram que a proposta de educação continuada franciscana contagia os que dela participam, pois não se constitui “[...] em fuga do mundo real, nem uma fuga do passado dourado, nem a um futuro sonhado. É trazer aqui e agora o que correntemente parece estar muito além do aqui e fora do agora. É uma total afirmação do homem e da vida”. (MERINO, 1999, p. 323). Na visão de Freire (2000), o mundo ainda não é, está se fazendo e eu em meus relacionamentos posso interferir nesse mundo, porque meu papel não é só de constatar o que ocorre. Como sujeito, posso interagir e modificar, pois “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”. (FREIRE, 2000, p. 85). Segundo Merino (1999), “o homem não é um ser passivo, nem um mero espectador, mas ator, participante e transformador”. (MERINO, 1999, p. 233). Em vista disso, estar no mundo implica comprometer-se com reações que vão desde mim até o mundo e vice-versa, processo que remete o ser humano à consciência do permanente vir a ser.

O professor que investe na formação de si torna-se um marco na visão de itinerância de seus alunos, pois educa mais pelo exemplo do que pelas palavras. Contribuí, nesse sentido, Merino (1999) ao afirmar que:

[...] o homem franciscano trata de conhecer o outro, os outros e as outras coisas, porque já de antemão os ama; e, visto que os ama, respeita-os; visto que os respeita, admira-os; e porque os admira, surpreende-se das maravilhas inéditas que irrompem em nossa vida cotidiana. Por isso, não necessita inventar um sentido, mas apenas descobrir o sentido na ingenuidade de uma vida profundamente vivida e sinceramente compartilhada. (MERINO, 1999, p. 111).

Consciente da integralidade do ser humano como alguém que, ao se construir profissionalmente, constrói-se pessoa humana, num processo nunca acabado, são importantes os fundamentos antropológicos franciscanos que, segundo Merino (1999), concebem a pessoa como um ser que se faz a cada momento na relação consigo, com o outro, com as coisas criadas e com o grande Outro, que é o divino. Nesse trabalho, a educação continuada, tal como foi concebida, foi evidenciada como sendo o processo pelo qual o ser humano passa ao longo de sua existência, com a finalidade de autoformar-se continuamente em todos os aspectos que o constituem pessoa humana, em vista do bem individual e coletivo. Se for considerado o transcender-se do ser humano, como um permanente dever, a educação continuada é uma necessidade que se estende por toda a vida, para todas as pessoas, em todos os tempos (CHARLOT, 2000).

Nesse sentido, pode-se considerar a educação continuada como alavanca para a transcendência do ser humano que, “se faz necessária pela própria natureza do saber e do fazer humanos como práticas que se transformam constantemente” (CHRISTOV, 2001, p. 9) e não simplesmente uma ferramenta para suprir deficiências de processos anteriores ao estágio atual do docente. Na visão dos entrevistados, o processo de formação acontece num misto de construção de si como ser inteiro, mas sempre em processo, ao mesmo tempo que esse ser vai se construindo profissional, considerando também a relação com o outro. Nesse sentido, Freire afirma que “ensinar exige disponibilidade para o diálogo” (FREIRE, 2000, p. 52), o que implica colocar-se disponível à realidade, de deixar-se construir num

processo de abertura aos outros e com os outros, acolhendo os desafios necessários à prática educativa.

Ao definirem educação continuada, os professores manifestam suas concepções ligadas mais intrinsecamente à sua prática pedagógica, porém, ao longo das suas falas, percebe-se o inundamento de luzes sobre suas vidas pessoais, no modo de estabelecer relações com seus alunos e famílias, no relacionamento entre seus próprios pares e, principalmente, na concepção e construção de si, como pessoas humanas.

O ser pessoa e o fazer profissional

Em sua prática pedagógica e quanto às relações com o outro, os professores apontam para aspectos que são indissociáveis do seu todo, como seres integrais. É possível evidenciar as marcas de mudança no ser pessoa, embora eles, em muitas falas, não o digam explicitamente. Talvez, por uma cultura que privilegia o investimento na formação em prol da qualificação para o *fazer*, as pessoas não tenham consciência de que são as mudanças no Ser que qualificam o fazer. Porém, mesmo que um projeto de educação continuada contemple, em seus objetivos, muito mais um cunho para qualificar a ação pedagógica, as mudanças na prática educativa somente serão perceptíveis à medida que a mudança ocorrer de dentro (essência) e não de fora (forma).

A consciência de si, segundo Tolle (2007), é algo que move o processo do Ser pessoa na direção da luz, podendo contagiar de fora para dentro, mas o sujeito somente poderá apropriar-se da luz, à medida de sua abertura para essa luz. Na visão do autor, o ser humano deve distanciar-se da forma para reconhecer em si o “espaço interior” (TOLLE, 2007, p. 205). Essa consciência do espaço interior conduz a pessoa para a experiência da verdadeira alegria do Ser, fruto do silêncio interior, que requer um alto grau de atenção que o autor denomina de *Presença*, quer dizer, a consciência de si. Para que se possa perceber o que está em volta de seu Ser, deve haver

uma sintonia com sua essência, que é interna. Isso se dá no encontro com a alteridade. Dessa forma, será possível o despertar para a mudança em vista da qualificação da ação.

No decorrer da investigação, foi possível notar que o processo de educação continuada é percebido pelos professores como algo que se constitui no comprometimento individual e coletivo, tecido pelo envolvimento e participação de cada um e de todos, em um permanente compartilhar dos diferentes papéis e responsabilidades. A efetividade das mudanças, segundo eles, depende de uma ação conjunta, considerando a coerência entre reflexão e ação, numa atitude consciente de compromisso do grupo. A aplicabilidade do aprendido repercute de forma singular e coletiva, considerados os diferentes olhares dos grupos analisados. Na compreensão de Merino, “o olhar é sempre uma projeção do eu, e por ele sairá tudo quanto não seja o eu” (MERINO, 2000, p. 69). Entende-se que, quanto ao ponto de vista do sujeito, considerados aspectos emocionais e intelectuais e a força de vontade, o olhar pode ser superficial ou profundo, pois a pessoa vê o que lhe interessa.

O olhar dos professores volta-se para o conhecimento construído que deve ser legado aos alunos, portanto, um compromisso e uma visão de construção que combina passado e presente em vista do futuro. Porém, por outro lado, esse olhar está impregnado de aspectos que referem a formação do Ser, da essência da pessoa humana como alguém inteiro. Ao falar da imbricação da formação, tanto pessoal quanto profissional, um professor refere que *a proposta de educação continuada modifica o ser do professor, faz rever a postura e o jeito de ser, pois ao incorporar as aprendizagens do que foi estudado e refletido, mudamos nossa vida*. Outro professor diz que *a formação desperta para a coerência de agir com sinceridade e naturalidade, com responsabilidade, caráter, convicção que são essenciais na vida de um professor*.

Os professores afirmam que os momentos de reflexão possibilitam registrar tanto conceitos relacionados à área em que atuam, como conceitos relacionados à vida, viabilizando a revisão de ideias e valores que podem

ser confirmados com maior segurança em sua atuação, não só como profissionais, mas, principalmente, em sua vida pessoal. O projeto proporciona a retomada e o (re)olhar da caminhada pessoal/profissional, sendo possível perceber a mudança já alcançada, mesmo conscientes do quanto ainda é preciso mudar. Confirmam que a mudança se dá em si, internamente, e se exterioriza na ação da sala de aula quando percebem que, *a partir do projeto, passamos a dar mais tempo para o crescimento pessoal, por perceber a importância de atualizar-se permanentemente* (Participante da pesquisa).

Um dos professores afirma que o estudo foi muito importante para si dando-lhes subsídios, fortalecendo-o como profissional. Ele diz: *hoje priorizo a formação integral do aluno, procuro vê-lo como ser humano, alguém que está em processo de formação*. E continua: *ao participar dos estudos sobre franciscanismo, ao longo do tempo, tive certeza, de que é isso que realmente conta, a formação, o olhar o aluno como alguém diferente, respeitar seus limites, valorizar suas capacidades e habilidades, pois os alunos são diferentes uns dos outros, em suas capacidades e habilidades. Cabe aos professores ajudá-los no desenvolvimento para a vida, sem exigir que sejam bons em tudo*.

Os professores enfatizam que a escola oportuniza o autoconhecimento e que a falta do cultivo do aspecto pessoal, de uma crença, de uma essência, desestrutura a sociedade. Nesse aspecto, Merino (1999) diz que a “vida anímica” do ser humano não se limita em seu interior, mas projeta-se para o exterior na relação de convivência com os outros seres, sejam eles humanos ou não, e a pessoa humana é uma totalidade que tende a desabrochar em contato com o meio ambiente, a trajetória humana pode reduzir-se a incessantes adaptações às mudanças, promovendo constantes aprendizagens e ajustes. Porém, “se o homem é o resultado da síntese de dois elementos integrantes tão distintos como são o anímico e o corporal, necessita ser interpretado a partir dessa dupla vertente, embora ele constitua uma unidade privilegiada e singular”. (MERINO, 1999, p. 205). Essa realidade pode ser conferida na afirmação de um dos professores quando

refere que o cultivo pessoal é cada vez mais importante: *considero fundamental, a reintegração do ser humano como um todo, pois o ser humano não são pedaços, é um todo. O aspecto pessoal vem junto do profissional, e, é fundamental que se procure trabalhar esse aspecto.*

Orientação e mediação

O olhar das coordenadoras considera o compromisso de orientar o professor para a construção de conhecimentos que fazem sentido para a vida do aluno, mas também com a mudança de si. Para elas, é fundamental, no papel da coordenação, a atitude de instigar o professor a refletir sobre o que está estudando, confrontando com a sua prática. Afirmam que: *a busca incessante pelo estudo da teoria, verificar se realmente consegue concretizar, aplicar, faz o professor crescer como pessoa e como profissional. A partir da educação continuada, cada encontro mobiliza muito os professores. Alguns saem muito instigados do próprio encontro e, se propõem a fazer algo novo. Outros, caminham mais lentamente e precisam de mais subsídios e esforço da coordenação pedagógica, do colega para ajudá-los a crescer.*

Segundo Freire (2007), para ensinar, o professor deve posicionar-se de forma crítica sobre sua própria prática, pois “sem ele não se funda aquela prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. (FREIRE, 2007, p. 42).

Em relação ao desenvolvimento do conteúdo, as coordenadoras afirmam que houve evolução, avanço pela reflexão e estudo. A reflexão sobre a ação aprimora a ação e muda a visão do professor, quando considera que “a superação e não a ruptura se dá à medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, se critica, tornando-se curiosidade epistemológica, metodicamente, rigorizando-se na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão”. (FREIRE, 2000, p. 34).

Segundo as coordenadoras, os professores saíram da zona de conforto, estão mais conscientes das novas possibilidades pois reduziu *a preocupação do conteúdo pelo conteúdo*. *Conseguiram entender o conteúdo como um instrumento, um meio de subsidiar a aprendizagem dos alunos. Aprimorou-se a ação pedagógica em relação à metodologia, à interdisciplinaridade e a outros aspectos do aprender/ensinar*. O sentido de itinerância traz um comprometimento que conduz o professor à mudança de postura frente ao que precisa ser ensinado. No depoimento de uma coordenadora, é possível verificar o grau de consciência do que é viável fazer, quando se acredita no processo itinerante do ser humano. Ela afirma: *fico encantada quando entro na aula e vejo o professor trabalhando com os alunos aquilo que é específico da disciplina de forma criativa agregando outros conhecimentos. Por exemplo, na Educação Artística num trabalho que eles chamam “faces”, o que exige trazer o contexto histórico, a cultura greco-romana, a questão egípcia, o porquê do uso das máscaras, de que forma isso se deu na arte, na literatura, nos poemas. Eles conseguem ultrapassar o conteúdo e atingem o conhecimento, isto é, o saber*.

Percebe-se que existe uma consciência de que o papel da coordenação é mediar, engajar o professor na proposta da escola, sem esquecer o contexto local, não perder o espaço que o colégio já conquistou, mas também não perder a proposta pedagógica que é o objetivo específico da filosofia franciscana. Em contraponto à necessidade de considerar o contexto, percebem que a busca pela escola se dá pela proposta de vida e não pelo vestibular, pois isso outras escolas também fazem. Uma coordenadora afirma ser isso *extremamente importante e os alunos estão num processo de compreensão bem significativo. Existe compromisso com o conteúdo, devido a exigência externa pelo processo seletivo, uma preocupação que precisa ser contemplada, mas não é um fim em si mesmo*.

Nesse processo de orientar docentes, ocorrem mudanças pessoais e profissionais no grupo das coordenadoras que se percebem, com um posicionamento mais firme, ao assumir seu papel na escola. Isso se confirma quando dizem que o posicionamento delas é mais sólido, mais direto e

pontual. *Estamos mais coesas na orientação e isso dá segurança ao professor. Usamos ternura e vigor como propunha São Francisco de Assis aos seus irmãos. Assessoramos com firmeza fazendo o professor pensar sobre sua atitude. Para a coordenação está muito claro a partir da educação continuada, pois esse preparo exige um estudo mais aprofundado.*

Na visão das coordenadoras, o processo é fundamental, porque movimenta o grupo, não de ser melhor do que os professores, mas de ser alguém que, por investir em si, ilumina ou inspira outros a investirem em si. Dessa forma, é possível fazer o contraponto e qualificar a discussão no momento dos estudos e da socialização com os professores, porque só podemos iluminar outros a partir do investimento que fazemos em nós mesmas. Contribuí com a ideia de processo de crescimento pela reflexão (FREIRE, 2000) afirmar que não existe docência sem discência, porque a ideia de construção da profissionalidade existe em qualquer profissão, não só para o professor. Para o autor, “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática ativismo”. (FREIRE, 2000, p. 4). Para as coordenadoras nem sempre há *resposta para dar, porque não há verdades prontas, mas há condições de ajudar o professor a pensar sobre suas ações e o processo de construir-se, ajudar a caminhar.*

A consciência sobre o estado de seres itinerantes transparece na atitude das coordenadoras frente a obstáculos encontrados ao longo do processo de estudos o que, segundo elas, serve para redirecionar o trabalho de orientar docentes. Percebem-se *pessoas* que enfrentam os desafios como algo importante para crescer, mobilizar, propiciar movimento. *Quando há um consenso há uma acomodação. Então, é o contraponto que nos faz buscar diferenças, nos desafia constantemente. É através disso que passamos a buscar mais e o obstáculo se torna possibilidade de crescimento.*

Os alunos se situam no olhar do aprendente, mais abertos e livres em seus posicionamentos, percebem com maior nitidez, nos professores e em si mesmos, os avanços do processo ensino e aprendizagem, ofertado pela

escola. Para eles, a consciência da importância de sua participação no projeto de educação continuada é algo natural, pois compreendem-se parte integrante do processo educativo. São conscientes de seu papel de aprendizes, talvez, por isso, mais livres para entender e acolher o sentido de Seres em processo de construção permanente. Em seus depoimentos, é possível perceber o sentido de itinerância que perpassa o entendimento que possuem em relação ao processo de formação, como algo necessário à construção de si mesmos, tal como a de seus professores. Nesse sentido, corrobora Freire ao indagar “por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina? [...] por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos”? (FREIRE, 2000, p. 33).

Para os alunos, o projeto de educação continuada se constitui numa maneira organizada de aprofundar os princípios e a filosofia da escola e consideram-no muito importante, por ser uma forma inovadora em que participam alunos e professores. Entendem que essa abertura da escola, que possibilita a participação dos alunos nos estudos, reflexões e debates, junto com os professores, torna a escola diferente. O respeito à autonomia e a dignidade do ser do educando conduz o professor a uma atitude de compartilhamento de aprendizagens. “Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito o que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo”, pois “o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos”. (FREIRE, 2000, p. 65). Na fala dos alunos, é possível perceber essa consciência de inacabamento, tanto de si como do professor, por isso eles reconhecem que a validade de um projeto que envolve professor e aluno é uma parceria que dá certo. Um aluno afirma: *o projeto é um grande sucesso, pela reflexão da teoria, que se reflete na prática da aula. Ao conhecer o pensamento dos jovens torna-se mais fácil para o professor desenvolver o trabalho, pois o jovem não gosta de nada imposto e aqui na escola não há imposição. Somos convidados a participar, existe abertura, colocamos nossas ideias e opiniões e assim,*

juntos, professor e aluno encontramos a melhor solução para a situação. Esse é o diferencial da nossa escola.

Importante observar a liberdade que os alunos têm ao referir que a fundamentação teórica é muito válida, porque os professores agregam ideias novas e qualificam seu trabalho, beneficiando-os com isso. Entendem que a participação deles projeta-os para frente, para a sua formação integral, para o horizonte preconizado pela utopia que o estudo remete à proposta franciscana. Um aluno assim se expressa: *no momento em que professores e alunos estão estudando é mais fácil para eles entenderem nossa visão. Essa oportunidade de estudar com os professores dá certo na aplicabilidade em sala de aula; esse projeto é muito importante, porque não é feito só pelos professores.* Outra aluna refere: *bem importante nossa participação, porque não somos passivos, podemos interagir dentro da escola. O aluno é um membro da escola assim como o professor, o funcionário, os pais, toda a comunidade. Todos têm grande importância e cada um faz parte de um todo e, é uma forma de o aluno se dar conta da importância dele no processo educativo. Também já contribuí na formação da profissão do próprio aluno, para o seu futuro. No meu caso, foi uma grande ajuda esse convívio com os professores, saber como são os bastidores de uma escola, como tudo isso funciona, porque quero ser professora.*

Para os alunos, o projeto dá condições de um aprendizado mais leve, porque o aluno não vem para a aula forçado, vai aprendendo aos poucos. Eles percebem o professor como um amigo que está para os ajudar a serem pessoas melhores para o mundo e para que possam ajudar a outros serem melhores e não simplesmente como uma figura que ensina conteúdo. Entendem que esse processo contribui para a vida de todos os alunos. Segundo eles, o projeto é muito bom, porque oportuniza a participação que, ao contrário do professor que tem um tempo limitado em cada sala, o aluno está o tempo todo presente, o que lhe possibilita uma visão diferente, por isso ele sabe o que precisa melhorar. Sendo assim, eles contribuem com novas ideias que podem mudar na atuação do professor. Em sua visão, enquanto alunos, é muito importante a participação e reafirmam a certeza de

que nas reflexões com os professores, podem propor alternativas positivas, percebem que são ouvidos e o colégio é um grande diferencial na comunidade. As coordenadoras também registram a importância da presença e a contribuição dos alunos nos estudos e salientam como foi significativo e válido todo o processo.

Nesse sentido, confirma a visão das coordenadoras de que a educação continuada vem contribuir com uma situação que já está colocada não só na escola, mas frente a um jovem que provoca e desinstala para a reflexão e para o estudo. Caso contrário, se a escola não estiver atenta para essas questões, se não ficar ligada a todo esse contexto atual, os jovens vão nos empurrar e, conscientes disso ou não, precisaremos caminhar. Uma escola que se preocupa com isso, que está vendo as mudanças e as exigências do jovem e da criança de hoje e que utiliza essa necessidade como provocação para estudo, melhoria, crescimento, afim de impulsionar o processo educativo. Uma coordenadora afirma que os estudos qualificaram a relação dos professores com o aluno, *dando respostas seguras e sem medo de se colocar como aprendizes, junto ao aluno. As aulas são muito mais prazerosas e os alunos têm contribuído muito, porque o professor possibilita esse intercâmbio. Ele é o responsável último pelo processo. Existe uma participação muito boa e o aluno é co-participante desse processo. A responsabilidade e o domínio da aula não é mais exclusividade do professor e isso tem contribuído bastante para o processo de ensino aprendizagem.*

As coordenadoras reforçam a ideia ao mencionar a necessidade de mudança de postura do professor que precisa se aperfeiçoar, fazer a diferença em sala de aula. O professor tem que sair da condição de professor que ensina, para a condição de professor que aprende. Freire ao afirmar que “o professor que não leva a sério a sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”. (FREIRE, 2000, p. 103). O autor reafirma a premissa de que, por meio do estudo, da reflexão, do repensar sério e competente sobre a ação, é possível mudar. As falas dos alunos,

professores e coordenadores confirma essa posição. Assim, afirma uma coordenadora: *quando o professor se percebe nessa relação consigo mesmo, isso conseqüentemente, o levará a uma melhor relação com o aluno. Pelo projeto, o professor está mais desarmado na sala de aula, porque caiu a máscara de que ele tem que ser o melhor e que tem que saber e dominar tudo.*

Referindo-se a facilidades e dificuldades no percurso desse processo de educação continuada, é visível o reconhecimento da importância vital do investimento em formação por todos os grupos investigados. Podemos considerar, segundo os diferentes olhares referidos no decorrer desta investigação, que o ser humano se constitui em sua essência um ser de itinerância, que nasce inacabado, vive em situações de se construir em relação a si e em seus relacionamentos para finalmente concluir a fase terrena de forma ainda itinerante na plenitude do grande Outro, que, na visão franciscana, é denominado de Absoluto, Deus.

Para os professores, o crescimento pessoal e profissional, agregado após os estudos, é percebido na mudança e na essência de si, mudança de perfil pessoal e profissional, porque acreditam que não é possível mudar só profissionalmente sem que haja mudança interna. Por isso, quando eles propõem continuar investindo na formação e no cultivo pessoal, de certa maneira, estão conscientes de sua condição de seres itinerantes cuja caminhada de construir-se pessoas inteiras deve contemplar o cultivo de todas as dimensões que os constituem. Ao afirmar ser *importante investir em formação, principalmente em cultivos no relacionamento com Deus, cujas experiências enriquecem uns aos outros, acenam para o diferencial do projeto. A abertura para o outro e até mesmo com Deus, dar-se tempo para investir em cultivo interior, é compromisso pessoal.*

Ao considerar este depoimento, percebe-se a confirmação da ideia de que o ser humano só será plenamente humano, se investir na formação de si para que isso se reverta em atitudes de vida. Para os professores, a mudança é percebida na própria vivência da filosofia franciscana, a questão

do respeito com os outros seres, questões que envolvem o cuidado com o universo.

Inspirada em princípios franciscanos que consideram o ser humano um ser relacional, que se constrói à medida de suas relações *com*, compreende-se que a educação continuada para ser verdadeiramente promotora da construção do ser humano integral deverá contemplar, em suas ações e projetos, muito mais do que a dimensão profissional. Nesse processo do relacionar-se consigo, com o outro e com as coisas, há um movimento interno que remete ao processo itinerante que constitui o ser humano, impelindo-o a buscar no outro aquilo que lhe falta. Mas não é só isso que o faz caminhar. Há algo mais profundo em si mesmo que, muitas vezes, nem ele mesmo percebe, mas que o movimenta no sentido de fazer-se pessoa, ao mesmo tempo, que provoca a mudança, também naquilo que toca com sua relação, seja ela consciente ou inconsciente. Charlot (2000) contribui com essa ideia, ao afirmar que “o homem não é, deve tornar-se o que deve ser; para tal, deve ser educado por aqueles que suprem sua fraqueza inicial e deve educar-se, tornar-se por si mesmo” (CHARLOT, 2000, p. 52), isto é, construir-se permanentemente.

O ser humano é um todo indissociável, o que remete a considerar a importância das relações e nelas o encontro, algo tão franciscano, portanto, não se pode desprezar o entrelaçamento que existe na teia que constitui o cosmo. O homem é um ser histórico, e não se deve menosprezar o aspecto social dessas relações. A vida com “feitio franciscano significa um modo de ser espiritual, psicológico e existencial, que se traduz num estilo concreto e específico [...] de pensar em função da realidade da vida, de sentir o que nos rodeia e criar profundas e amistosas relações pessoais com todos os seres da criação”. (MERINO, 2000, p. 35). Assim, é importante lembrar que o ser humano habita, percebe e vivencia o mundo a partir de sua “casa”, quer dizer, sua realidade objetiva e subjetiva. No momento que estabelece conexões com outras “casas”, consegue perceber e perceber-se integrante de uma comunidade, e toda uma teia de relações é criada. Na mesma linha, a educação continuada, no momento que fomenta o encontro, o *link*, a relação com o outro na vida do professor, concomitantemente, estabelece a quebra

do paradigma existente, que faz com que o sujeito (professor) perceba, reconheça e estabeleça novas percepções e conexões.

A visão de itinerância, do sair de si, da impermanência dos saberes e dos conhecimentos adquiridos, para colocar-se na perspectiva de caminhante, é condição do humano. O processo de educação continuada possibilita ao professor o caminhar partilhado, ao perceber que o processo se realiza em conjunto, que avançam na mesma direção, mesmo que, por caminhos e formas distintas, de maneira contínua. Desafios, percalços, dificuldades, limites a serem superados fazem parte, pois o itinerante tem a sua frente a meta e o caminho que se faz ao caminhar. Certamente, cada um dos participantes desta pesquisa, percebeu-se itinerante e peregrino no processo de construir-se pessoa profissional, colaborando com seu olhar a partir de seu interior, mas, acima de tudo, aceitou o desafio de debruçar-se sobre sua própria construção pessoal, nesta jornada que não tem data para acabar.

No momento em que o professor se percebe um ser itinerante, conseqüentemente, vê o aluno um ser itinerante, em processo, que caminha em busca de sua construção como pessoa e que possui tempos diferentes. Isso faz do professor um ser atento de si e do processo do fazer-se humano, ao longo de uma vida, tanto para si como para o seu aluno. Dessa forma, muda o olhar, a maneira de ensinar, muda também a concepção de seu papel de ser professor. Conscientes dessa itinerância, afirmam: *se olharmos para o aluno como alguém que está em processo é mais fácil visualizá-lo como um ser inacabado. Estabelecemos uma relação confiante e amistosa, não tão adversa, enfatizando que estamos a caminho, por isso, itinerantes, não proprietários da verdade. Os conflitos são menores, há mais proximidade, espaço para a afetividade, ponto fundamental na aprendizagem. O ganho é relacional, afetivo, e interfere na construção do conhecimento.*

A visão itinerante do processo de construção do ser humano ainda pode ser evidenciada, quando se analisam os depoimentos das coordenadoras que definem Educação Continuada como uma alternativa que trabalha basicamente, unidade e identidade. Nenhum regime, por mais duro e repressor que seja, conseguirá enquadrar o ser humano, pois “sempre

sobra alguma coisa nele. Por mais aprisionado que esteja, o ser humano transcende tudo. Porque, com seu pensamento ele habita as estrelas, rompe todos os espaços” (BOFF, 2000, p. 22). Por isso, sendo humanos, “temos uma existência condenada a abrir caminhos, sempre novos e sempre surpreendentes” (p. 22). Reitera isso um professor ao afirmar: *quando um docente chega à escola, traz na bagagem sua história de vida, uma trajetória acadêmica e profissional já constituída. É o que ele é como pessoa e, à medida que a escola possibilita reflexão, os pontos de vista diferentes ou que se aproximam, são colocados num debate, busca-se a aproximação para um consenso fortalecendo a unidade de trabalho, uma identidade.*

Os professores também evidenciam a ideia de itinerância proposta pelo colégio, caracterizando-a como parte da identidade franciscana, ao afirmar que na escola, respeita-se as diferenças, mas preserva-se a identidade da escola. Eles entendem que ao avaliar a forma como se trabalha a ação pedagógica, percebe-se o constante investimento em aspectos como afeto, amor, amizade, respeito, companheirismo, acolhida, algo bem presente na proposta franciscana.

O olhar itinerante está presente na visão dos alunos que consideram que a escola não visa somente ao ensino do conteúdo, mas se preocupa com o aprendizado dos valores como a paz e o bem, visando a um aluno comprometido com a mudança da sociedade. Na visão deles a escola deve continuar investindo no processo de construção conjunta, mas sugerem que, os próprios alunos incentivem outros colegas para participarem dos estudos, porque muitos não têm a visão de que podem contribuir e, se forem convidados, com certeza, vão ajudar a melhorar o processo.

Por outro lado, mencionam que uma maior participação e conhecimento dos pais sobre a proposta de educação continuada conscientiza sobre a importância de uma escola que prepara para a vida. Na visão deles, os pais conhecem só o que os filhos falam, mas poderiam participar e envolver-se mais, fazendo parte efetiva do colégio. Reforçam a importância de maior divulgação da proposta, ao referir que *como a escola*

não se pode colocar todos os alunos para participar dos estudos, deverá haver mais divulgação pela coordenação, professores e os próprios alunos devem divulgar e dar oportunidade aos colegas que participam dos estudos, testemunhar em sala de aula. Assim, outros perceberão que podem fazer parte e participar. Os alunos estão colhendo lições para a vida, por isso o projeto deveria ser mais divulgado dentro da própria escola. Eles entendem que precisamos mostrar para os outros colegas que é uma coisa boa, estão aprendendo para vida, e não só colaborando para o bem do colégio, estão sendo beneficiados como pessoa. É necessário que os colegas vejam que participar não é algo insignificante, mas algo sério e que o alicerce do trabalho que é feito nas aulas deve-se a um projeto organizado.

As falas dos participantes da pesquisa evidenciam a significativa validade do investimento da proposta de educação continuada o que pressupõe que é possível mudar o cenário que constitui uma sociedade carente de valores éticos, algo tão necessário no mundo em que se vive.

Considerações finais

Após investigar de que forma a proposta de educação continuada de uma escola de educação básica priva franciscana localizada no Sul do Brasil, contribui na construção de si e da prática pedagógica de seus docentes, os resultados emergentes deste trabalho possibilitaram visualizar vários pontos de referência de coisas que estão bem, daquilo que precisa ser reformulado e revisto, e todo o processo evidenciado na construção da caminhada de formação da escola. Diante dos resultados obtidos, independentemente de terem sido bons ou não, e foram positivos, vejo oportuno externalizar meus sentimentos que estão de acordo com pesquisas já realizadas, as quais comprovam que toda a prática docente bem-sucedida é feita por pessoas que tem ampliação de consciência.

A partir dos achados da pesquisa percebe-se que apostar em educação continuada é um dos caminhos que possibilitam a mudança da sociedade mercantilista e individualista em que se vive. Além disso, a investigação possibilitou uma parada e um olhar sobre a interioridade, não

desvinculada do eu profissional que, sendo consequência do investimento em cultivo da essência do Ser, externaliza-se em ações reveladoras do Ser que habita o interior da pessoa, como Essência Sagrada.

Se com os professores, alvo de toda a pesquisa, houve uma significativa receptividade e envolvimento, uma demonstração da validade do projeto para sua vida e profissionalidade, a aplicabilidade de tudo isso, em sala de aula com os alunos, que é o mais importante, foi comprovado. A comprovação, não só na fala de professores e coordenadoras pedagógicas, mas, principalmente, nos depoimentos dos alunos, o que prova que um projeto de educação continuada que envolva professores e alunos e tenha em seu referencial algo mais do que proposta de sanar lacunas de uma formação profissional, pode promover a mudança da sociedade.

Ter a oportunidade de estudar, discutir e propor, junto com os professores, não passa despercebido das vidas dos estudantes. Isto é reconhecido por eles como o diferencial do colégio em que estudam. Eles reafirmam: *estamos colhendo lições de vida, pois o colégio possibilita abertura, participação, espaço para a vivência de valores tem a preocupação com a formação para a Inteireza do Ser pessoa, tanto os professores, como os alunos.* Chama atenção a clareza de percepção dos alunos quanto ao interesse demonstrado pelos professores em ajudá-los no seu processo de construção de aprendizagem, principalmente, a preocupação em resgatar aqueles que têm mais dificuldade em aprender. Acredita-se que só um professor que cultiva sua inteireza tenha condições de ter essa atitude, de envolver-se de fato com seu aluno como um Ser em processo itinerante de construção.

Percebe-se a autoconsciência e a autoconfiança dos alunos, quanto ao seu papel de co-construtores do processo de formação da escola. Eles percebem que a proposta é muito mais do que ensinar conteúdos, é uma proposta de formação para a inteireza do Ser pessoa. Segundo eles, *o objetivo da educação continuada é aprimorar a qualificação profissional e a vida pessoal.*

Ficou evidente que investir no aprimoramento do professor não só tecnicamente, mas em seu Ser essência, pois é ele que está com o aluno, é uma forma de qualificar a educação e nisso está a relevância de um projeto de educação continuada. A identidade do professor é percebida pelo aluno, porque é na ação que se desvela aquilo que carrega como identidade, aqueles

saberes que se constroem, a ideia de mundo, de sociedade, de aluno, de escola, tudo fica evidente no fazer do professor. Mesmo quando os professores, manifestam-se sobre coisas que não apreciam no projeto, como é o caso de leituras consideradas inadequadas para o momento, até isso colabora, porque o professor se sente livre para falar. Eles se autoavaliam e reconhecem a oportunidade de crescimento como seres humanos, pessoa e profissional. Isso se evidencia quando dizem que só não participa quem não quer, pois a oportunidade está sendo dada pela escola. Eles sentem tal oportunidade, a vontade que a escola tem de oferecer formação, percebem a preparação da equipe do projeto para orientar os estudos.

Significativo também é como os professores percebem o controle⁷ das atividades desenvolvidas pelo projeto, no sentido de saber que existe um programa, que existe um compromisso, há respeito pelo horário de início dos encontros, os professores se sentem contemplados nas sugestões de temas que propõem, sentem-se parte e, por isso, mais engajados em todo o processo.

Chama atenção o prazer despertado nos professores em poder falar de seu trabalho e de sua caminhada profissional. Seria este um indício de que a partilha de vida também remete o ser humano a tomar consciência de seu estado de itinerância permanente? Se existe dentro de nós um enorme desejo de transcendência, o que nos constitui seres de desejo, talvez devemos buscar algo mais profundo do que aquilo que se vê. Na verdade, segundo os professores, poderíamos ficar horas e horas, falando sobre a importância que os estudos têm trazido, as mudanças no sentido pessoal e profissional, porque quase não há tempo de parar para pensar sobre a vida, e o projeto tem ajudado também nesse sentido.

Apesar de não terem sido questionados sobre a qualidade dos cursos acadêmicos que frequentaram, alguns professores justificam a falta do aspecto relacional na formação inicial como algo que dificulta o trabalho em uma proposta humanista. Afirmam que muitas vezes os cursos de Graduação não preparam para a sala de aula. Na visão de Nanni (2000), é necessário

⁷Controle no sentido de acompanhamento.

que os projetos educativos do século XXI extrapolem sua própria cultura, numa atitude de acolhimento da diversidade que se instala no âmago de culturas consideradas milenares. Para ele, é importante não descuidar da identidade particular de cada nação, mas forçosamente o grande número de imigrantes e filhos de imigrantes nascidos nesses países estão mudando o rosto dos continentes e isso exige uma nova forma de se fazer educação. Portanto, as universidades deverão redirecionar seus currículos para formar profissionais mais abertos para a multiculturalidade. Na visão dos professores, existe uma distância considerável entre a universidade e a escola.

Nos depoimentos, os professores explicitam, mesmo que inconscientemente, a concepção de que o inacabamento do homem o faz pensar que seu desenvolvimento deve ser acabado fora do útero materno, considerando que ele sobrevive por nascer em um mundo pré-existente, já estruturado pelos seres humanos que vieram antes dele.

Valores como respeito, acolhida, comprometimento, abertura para o novo estão muito presentes nos depoimentos dos entrevistados, o que incita a participação dos envolvidos, justamente porque se percebem acolhidos pelo grupo que coordena o projeto. Fica evidente que os professores têm uma consciência ampliada de qual é a missão que lhes cabe na comunidade escolar. Como seres situados em um contexto histórico e social nos tornamos capazes de comparar, dar valor, escolher e decidir romper com aquilo que está estabelecido a fim de nos constituirmos seres éticos. É dessa forma que avançamos na nossa própria construção pessoal. Para reafirmar o nível de consciência dos professores, referem-se alguns depoimentos deles próprios ao falarem sobre o que foi mais significativo nos estudos propostos pelo projeto de educação continuada.

A mudança do ser humano não acontece de forma rápida, nem por acaso. É um lento processo de construir-se a cada dia. Nesse sentido, características como o compromisso com a causa, a responsabilidade no cumprimento do dever, a defesa intransigente da autonomia, da liberdade conquistada, não deixar para fazer amanhã o que se deve fazer hoje, estudar

como dever, desenvolver a curiosidade, participar conscientemente, e tantos outros que poderão contribuir para a construção no estado de itinerância do ser humano são essenciais ao processo. Confirmam isso, as coordenadoras quando percebem mudanças em si no que se refere à dimensão do Ser.

O ser humano que tem consciência de seu estado de inacabamento sente-se empolgado ao perceber seu próprio crescimento interior. Isso se torna algo tão forte dentro dele que, mesmo não tendo sido questionadas sobre sua caminhada de crescimento pessoal, sentem-se impulsionadas a falar de si próprias, avaliando sua evolução de Seres itinerantes.

Entende-se que uma das qualidades mais importantes desse ser itinerante é a consciência do processo ao longo da vida, isto é, do não acabamento. Ciente do estado itinerante que constitui o ser em devir, sabedores de que nenhuma pesquisa se esgota ao término de uma dissertação de mestrado, enriquece-se esta página, com a frase de Francisco de Assis, homem medieval, que no final de sua vida grandiosa disse: “irmãos, vamos começar novamente, porque até agora fizemos pouco ou nada” (SILVEIRA e REIS, 2000, p. 254). Por isso, ao concluir a pesquisa, fica evidente que se está sempre no início de mais uma jornada no processo de construção de si mesmo como Ser em devir.

Referências

BERTRAND, Yves; VALOIS, Paul. *Paradigmas educacionais: escola e sociedade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. Educação continuada função essencial do coordenador pedagógico. In: *O coordenador pedagógico e a educação continuada*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 32. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo. Cortez, 2004.

MERINO, José Antônio. *Humanismo Franciscano: franciscanismo e mundo atual*. Petrópolis. FFB, 1999.

MERINO, José Antônio. *Filosofia da vida: visão franciscana*. Braga: Editorial Franciscana, 2000.

NANNI, Antonio. *Una nuova Paidéia: prospettive educative per il XXI secolo*. Bologna: EMI, 2000.

SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). *Fontes franciscanas*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TOLLE, Eckhart. *O despertar de uma nova consciência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

Data de registro: 29/06/2023

Data de aceite: 13/12/2022